

Precarização da infraestrutura

Ameaça a retomada das atividades acadêmicas no campus de Seropédica

A precarização da infraestrutura nas unidades acadêmicas da Rural não estava na pauta do último CONSU realizado em 25/02, antes do início do recesso escolar. Porém, a situação é tão alarmante, que o assunto foi levado ao colegiado como emergencial pelos diretores dos institutos de Agronomia, Biologia, Ciências Humanas e Sociais, Ciências Exatas, Floresta, Tecnologia, Zootecnia e Ciências Sociais Aplicadas. Em memorando conjunto, os diretores solicitaram formalmente à Administração Central um planejamento de ações para resolução dos problemas em curto, médio e longo prazo.

A ação conjunta dos diretores aconteceu poucos dias depois de o CONSUNI do Instituto de Tecnologia ter decidido não iniciar as atividades acadêmicas no seu pavilhão de aulas. Após relatar à imprensa da ADUR os graves problemas de sua unidade, como o vazamento de gás em um dos laboratórios, que colocou em risco a integridade física de professores, técnicos e estudantes, o diretor do IT, Hélio Júnior, diz se sentir "frustrado por não haver uma agenda para determinar essas questões" e acrescenta: "devíamos estar discutindo o currículo das engenharias, ao invés de assuntos de infraestrutura."

Na universidade como um todo, os problemas não se esgotam nos laboratórios interditados. Há salas de aula com rachaduras e infiltrações, algumas delas, inclusive, sem ar-condicionado por obsolescência da rede elétrica da universidade. Obras encontram-se paradas por problemas em seus projetos e por ausência de medidas duras com relação às falhas e atrasos das empresas. Faltam água



Prof Hélio Júnior, diretor do IT, no auditório do prédio com graves rachaduras

e materiais para manter a higiene dos banheiros, faltam gabinetes de trabalho para os professores e espaços de convivência e estudo para os estudantes. Cantinas e espaços de alimentação não atendem padrões mínimos de qualidade e salubridade.

A iluminação de boa parte do campus Seropédica é insuficiente no período noturno, produzindo insegurança. Não existe um plano de transporte intercampi ou mesmo intracampus, a ponto do ônibus que trafega no interior do campus Seropédica ter sido apelidado de "gasparzinho". O diretor representante da ADUR no CONSU, João Telhado, ironizou: "a Rural é a única Universidade que eu conheço que tem teletransporte, acaba a aula às 10h no ICHS, e começa às 10h na Veterinária."

Associada ao colapso infraestrutural está a falta de racionalidade administrativa e de transparência na gestão de setores da universidade. Isto bloqueia a participação da

comunidade no entendimento dos problemas, na formulação de propostas e na responsabilização dos gestores. Em resposta à solicitação dos diretores, a Reitoria agendou uma reunião para o mês de março, com o objetivo de discutir os problemas de infraestrutura e as prováveis soluções. A Reitoria também solicitou reunião com o MEC e pediu representantes dos docentes, funcionários e discentes para montar uma comissão para ir à Brasília requerer um adicional orçamentário. A realocação dos alunos para outros institutos da universidade foi descartada, pois não há condições de alocar tantos estudantes. São mais de 60 turmas, só no período noturno.

A diretoria da ADUR-RJ acompanha as ações da administração central para atender as demandas da comunidade e pretende iniciar o semestre mobilizando os docentes para atualizar a pauta de reivindicações locais, que não foi atendida durante a greve de 2012.

TERCEIRIZAÇÃO

Trabalhadores sofrem com a negação de direitos, falta de condições de trabalho e ausência de fiscalização da UFRRJ

A situação de precariedade e péssimas condições de trabalho dos funcionários terceirizados da UFRRJ se mantém grave. De acordo com levantamento feito pelo Comitê de Mobilização da UFRRJ, organismo de base que reúne os três segmentos universitários, os contratos firmados são mal redigidos e dão margem à ampla flexibilização de direitos trabalhistas dos terceirizados. A universidade conta hoje com 12 empresas contratadas em regime de terceirização, que totalizam 748 trabalhadores, sendo seis contratos no campus de Seropédica, quatro em Nova Iguaçu e dois no campus Três Rios. Os contratos terceirizados são para os serviços de vigilância, limpeza e alguns cargos administrativos.

A apuração do Comitê concluiu ainda que, além da falta de insumos e materiais de segurança - como luvas, botas de borracha, entre outros - não há fiscalização por parte da administração, tanto no que tange à qualidade dos serviços prestados quanto ao pagamento dos direitos trabalhistas. A empresa Digna Serviços Auxiliares, por exemplo, recolhia dos trabalhadores os percentuais do INSS e FGTS, mas não realizava os pagamentos à previdência desde setembro de 2012.

"Há que se entender que é inadmissível conceber que um ser humano seja submetido à dupla exploração: da empresa ou órgão contratante (no nosso caso a universidade) e da empresa que presta o serviço", afirma Luciano Alonso, integrante do Comitê de Mobilização e diretor da ADUR-RJ.

Expansão e consequências

Segundo a professora Nidia Majerowicz, Pró-reitora de Assuntos Financeiros, a terceirização na UFRRJ aumentou a partir da expansão da universidade pelo programa REUNI. Surgiram novas demandas por serviços

e que produziram o crescimento no quantitativo de terceirizados. Em entrevista ao *ADUR-RJ Informa*, a Pró-reitora também afirmou que houve um impacto significativo sobre os recursos de custeio da UFRRJ.

Em 2013, a instituição gastou cerca de 21,5 milhões de reais com os contratos terceirizados, o que representou o comprometimento de 37,2 % do orçamento inicial destinado às despesas de custeio da UFRRJ. Em comparação com o ano de 2009, antes da inauguração dos prédios dos novos campi e do início do REUNI, os recursos destinados à terceirização correspondiam a 6,2% da verba orçamentária. Um aumento de custeio de 31%.

Ainda de acordo com a Pró-reitora, a fiscalização dos contratos é um problema complexo. "As pessoas que fazem as fiscalizações têm diversas outras tarefas. Falta tempo e, a muitas vezes, capacitação necessária para tais fiscalizações da execução dos contratos. É um trabalho difícil e com grande responsabilidade, qualquer erro pode prejudicar o próprio fiscal juridicamente. É necessária uma capacitação dos fiscais, e a Rural pretende fazer esse programa de capacitações de modo mais intenso", afirma.

Direitos negados

Apesar de hoje constituírem parte significativa da força de trabalho da Rural, os terceirizados permanecem socialmente invisíveis para a comunidade universitária. Isabel Ferreira era funcionária da Digna no campus de Nova Iguaçu e foi uma das trabalhadoras que ousou denunciar suas aviltantes condições de trabalho. Acabou demitida pela empresa, supostamente por faltas ao serviço. "Eu me sentia como o lixo que eu recolhia. Eu só lutava e pedia pelos meus direitos de trabalho, mas fui demitida uma semana após fazer as denúncias de que faltava até bota de borracha para a gente trabalhar.

Apresentei o papel de que ia começar um tratamento de fisioterapia por conta de problemas na coluna e no mesmo dia, depois que trabalhei, fui demitida", conta Isabel ao *ADUR Informa*. A ex-funcionária da Digna também relata que o pagamento pela empresa "só vinha atrasado, inclusive, o dinheiro da passagem". Atualmente, Isabel está desempregada e parou o tratamento fisioterápico, já que "não podia gastar esse dinheiro de passagem, porque faltava o dinheiro do pão". Outros três trabalhadores que denunciaram as irregularidades ao Comitê de Mobilização também foram demitidos.

No final de 2013, a PROAF finalmente notificou a Digna e acenou para o rompimento de contrato em virtude das irregularidades. Para evitar impactos maiores sobre os serviços e os trabalhadores, foi realizado um acordo no qual a universidade suspendeu o pagamento da empresa por um tempo determinado. Atualmente, a Rural realiza o pagamento diretamente aos terceirizados no campus Seropédica, com o amparo de aditivos de contrato acordados com a empresa.

Próximos Passos

Um próximo passo decisivo da luta, apesar dos receios de perseguição pelos trabalhadores, é a realização de uma assembleia geral dos terceirizados, com apoio de toda comunidade universitária. A ADUR-RJ cobrará da administração central mais transparência no processo licitatório e nos mecanismos de fiscalização dos contratos. É urgente a necessidade da criação de uma comissão dos terceirizados. A ADUR também apresentou ao 33º Congresso do ANDES-SN uma resolução para que as seções sindicais organizem ações de solidariedade com os terceirizados, em unidade com os sindicatos dos técnico-administrativos. A resolução foi aprovada por ampla maioria.

MOBILIZAÇÃO

GTPAUA discute a situação dos animais em rodeios

“Rodeio, de que lado você está?”. Essa foi a pergunta central que deu nome ao evento promovido pelo Grupo de Trabalho em Política Agrária, Urbana e Ambiental - GTPAUA, da ADUR-RJ, em 23 de janeiro, no campus de Seropédica, que contou com a presença de mais de 300 participantes.

O objetivo foi debater sobre a crueldade praticada contra animais em rodeios e vaquejadas e a realização desse tipo de eventos que divide a comunidade ruralina, moradores da região de Seropédica e profissionais da área. Afinal, os rodeios e vaquejadas devem seguir acontecendo, como expressão de uma cultura? Ou a realização desses eventos deve ser judicialmente impedidas de ocorrer em decorrência dos maus tratos e sofrimento cometidos com os animais para diversão humana?

Para debater o tema foram convidados profissionais das ciências agrárias e do direito: o procurador da República, Renato Machado, a promotora de justiça do Ministério Público de São Paulo, Vânia Tuglio, a gerente de educação do Fórum de Proteção e Defesa Animal, Profa Elizabeth MacGregor, a médica veterinária sanitária da Prefeitura de Jundiaí (SP), Vania de Fátima Plaza Nunes, além dos professores da UFRRJ, Flávia Jesus de Almeida e Júlio César Ferraz Jacob. Também estiveram presentes os coletivos Katumbaia da UFRRJ e AnimaVida, ONG de proteção animal que foi representada por Ana Cristina Ribeiro.

Rodeio, de que lado você está?

“Com argumento de cultura, nós já vimos várias crueldades sendo feitas na história da nossa civilização. Então temos que ter certo cuidado com essa forma de ver vaquejadas e rodeios como parte de uma cultura”, destacou a Dra. Elizabeth MacGregor.

Já o professor do Instituto



Mais de 300 participantes participaram do debate no Auditório Gustavo

de Zootecnia, Dr. Júlio Jacob, ressaltando que “não tem ainda posição contra ou a favor” sobre a realização de rodeios e vaquejadas, pois é especialista em reprodução animal. Mas questionou se “caso acabassem as vaquejadas no nordeste, de que forma o povo iria viver?”. Ele também reclamou sobre a falta de parcimônia no debate. “Vim para um debate, mas só vejo o lado contra a realização dos rodeios com voz. Somos um país de agronegócios e deveria ter pessoas ligadas aos rodeios para equilibrar”, disse. A organização do evento veio à público explicar que, convidaram veterinários, professores da universidade relacionadas à produção animal, além de pessoas a favor da realização de rodeios. Porém, nenhum convite foi aceito. Inclusive, a Prefeitura de Seropédica, também foi convidada a enviar representantes ao debate.

Durante o debate, o principal argumento para defender o fim das vaquejadas e rodeios foi o conceito de bem estar animal, que prega um estado de completa saúde física e mental, a partir de cinco liberdades condicionantes: o animal deve ser livre de fome e de sede; livre de desconforto; livre de dor, lesões ou doença; livre para expressar os seus comportamentos normais.

Posição da Diretoria da ADUR

Para a ADUR, a presença marcante do público, com estudantes das ciências agrárias e humanas, demonstra que o tema é de interesse da comunidade e que as iniciativas em propiciar espaços de debate plural são sempre bem vindas. Nos eventos futuros, se faz importante a presença de pessoas ligadas ao circuito dos rodeios, para que expressem suas percepções sobre o tema.

Ainda para a Diretoria da ADUR, este é um desdobramento do trabalho realizado pelo GTPAUA, no que se refere às condições das instalações e manejo dos animais que vivem nos espaços da UFRRJ, o que tem implicação direta na qualidade do ensino de graduação e pós-graduação dos cursos das ciências agrárias. Reflete também a questão fundiária sobre as terras da universidade e o quanto a precarização da UFRRJ favorece as políticas de privatização de espaços públicos, o que deve ser combatido pela comunidade acadêmica.

Debater sobre rodeios e outras questões do mundo agrário tem caráter transversal na politização de temas relacionados aos desafios da universidade frente à ofensiva neoliberal. É importante que os docentes participem das atividades.

Demandas da greve de 2012 seguem sem solução nos campi de Nova Iguaçu e Três Rios

Grande parte das pautas de reivindicações locais construídas ao longo da greve de 2012 persiste no ITR e no IM. Foi essa realidade que os diretores da Seção Sindical encontraram nos dias 27 e 28 de janeiro nos campi fora de sede. Há falta de espaço para o adequado desempenho do trabalho docente, insuficientes insumos para o desenvolvimento das atividades (como tinta para as impressoras - nos casos em que elas existem e papel), rachaduras nas salas de aula, salas de aula sem ar-condicionado ou ventiladores e falta de pagamento do adicional de insalubridade a professores que lidam com materiais perigosos.

No Instituto Multidisciplinar, em Nova Iguaçu, a precária manutenção do entorno do prédio da universidade leva a um acúmulo de vegetação que chega a cobrir, em alguns pontos, carros estacionados. À noite, a iluminação é insuficiente. Para completar, o entorno do campus é cercado por terrenos baldios. Este cenário provoca uma situação de insegurança na comunidade acadêmica de Nova Iguaçu.

No Instituto de Três Rios, o auditório inacabado impressiona: com teto e chão ainda em cimento bruto, portas quebradas, sem qualquer ventilador ou ar-condicionado. O calor no auditório é tanto que a permanência no seu interior é inviável. Além disso, o auditório não tem tratamento acústico e não dispõe de equipamento de som. Para realização de eventos, os professores precisam conseguir caixa de som e microfone emprestados.

Na ocasião, os professores do ITR apresentaram relatos que dão conta: das insuficientes condições de trabalho que interferem na qualidade das aulas; ausência de laboratórios como um caso extremo desse descaso com o campus; não pagamento do adicional por atividades insalubres aos professores do curso de Gestão Ambiental - que, não só não possuem laboratórios para o desenvolvimento adequado de suas atividades como, mesmo realizando aulas práticas em locais inapropriados, não são remunerados pela atividade insalubre; da necessidade de se deslocar até



Diretoria da ADUR em reunião com professores do campus de Três Rios



Sala dos professores está com rachaduras no IM



Insegurança: mato alto na área externa do IM

o campus Seropédica para poder se inscrever em projetos e seleções da UFRRJ- já que as inscrições nas seleções institucionais não podem ser realizadas no próprio ITR; do atraso da avaliação em suas etapas do estágio probatório; da falta de professores em algumas disciplinas e departamentos; de salas de aula com grande número de alunos e sem nenhum sistema de ventilação, entre outros.

Mobilização

Após a exposição dos dos professores, o presidente da ADUR, Alexandre Mendes, ressaltou que a maior parte das demandas atuais são as mesmas já trazidas à tona no período de greve em 2012. A principal delas é a demanda por melhores condições de trabalho: "muitos dos problemas não só continuam os mesmos, como a situação de precarização das condições de trabalho foi aprofundada", declarou

o professor Alexandre. Por isso, o sindicato reivindicará à Reitoria uma reunião para cobrar dela uma posição sobre a situação do ITR. Por outro lado, o professor ressaltou a importância dos professores do ITR se manterem mobilizados na luta por melhores condições de trabalho.

"Vamos pedir uma reunião com a Reitoria para a solução dos casos propondo um cronograma de resoluções. Assim podemos cobrar efetivamente. Mas a pauta em si não resolve os problemas. Também precisamos que os professores daqui (ITR) façam corpo frente a essa luta", disse Alexandre Mendes. A diretoria da ADUR-RJ se comprometeu a realizar uma nova reunião com os professores do ITR em abril, após o recesso escolar. A presença da nova diretoria da ADUR no IM e ITR está inserida no reconhecimento do caráter multiterritorial de sua base e faz parte da proposta da atual gestão em dialogar com todos os campi.